

três poemas

de Paulo Ferraz

Paulo Ferraz é autor dos livros *Constatação do óbvio* (1999), *Evidências pedestres* (2007), *De novo nada* (2007), indicado para o Prêmio Bravo! Prime de Cultura de melhor livro no ano de 2007 e publicado no Equador e no México. Organizou a antologia *Roteiro da poesia brasileira: anos 90* e traduziu livros de poetas mexicanos contemporâneos como Abigael Bohórquez, Jorge Granados, José Javier Villarreal, Luis Aguilar, Luis Armenta Malpica, entre outros. Participou de eventos literários em Cuba, Equador, Estados Unidos, Espanha, México e Ucrânia. É graduado em Direito e História e doutorando em Teoria Literária e Literatura Comparada na Universidade de São Paulo. *Vícios de imanência* (2018), seu mais recente livro, foi premiado pelo 1º Edital de Livros da Cidade de São Paulo e foi um dos semifinalistas do prêmio Oceanos.

E SE ME AMPUTASSEM A LÍNGUA?

Para Fábio Aristimunho Vargas

e se me amputassem a língua, não esta — este músculo que trago na boca a se debater salivado entre dentes e palato, bandeirola solta ao vento, serpente semiviva, lesma absurda, mãe da algaravia —, mas aquela, a que comanda os movimentos, a outra, alheia à carne, a que segura o vento e lhe extrai a melodia, a que dota a serpente com a seiva da palavra, a que confere à lesma a leveza do pássaro?

perderia a carne, o músculo, a bandeirola a serpente, a lesma, pois ela, a língua, a minha língua, continuaria em mim, mas e se me amputassem essa língua? Essa a que é filha do meu primeiro choro, essa, senhora de mim, a oleira que me separou do outro? e se me amputassem a língua, se me roubassem o último suspiro em minha língua, meu antichoro? como morrer, se morto já estaria, amputado de minha língua, amputado de mim?

POEMA BOMBA

Projeto o poema como
um artefato explosivo;
um composto de imagens
que uma vez detonado
despedace o edifício
de ignorância que grassa.

Projeto o poema como
um coquetel molotov
– palavras de guerrilha –
que possa ser lançado
contra os escudos moucos
do meio da multidão.

Projeto o poema como
uma bomba de frag-
mentação, armamento
ardiloso que ao incauto
alcance sem pedir li-
cença, ferindo a alma.

Projeto o poema como
um cogumelo atômico
capaz de cruzar mares
e se fundir a outros
códigos com sua radioa-
tividade perene.

Mas ao fim o que explode, ou-
vido só por amigos,
vale sequer um traque.

PARA NÃO ESQUECER N° 1

contra o General Médici

Quando eu nasci um diabo verde-oliva veio me ver, todos estavam num sono profundo e não ouviram a Sonata para piano n°2 em si bemol menor, opus 35, de Chopin, tocada por seus cascos vulcanizados. Com um dedo nos meus lábios (e a outra mão no meu pescoço), me sussurrou que eu teria uma longa vida para chorar. Não fiz caso de palavra, o brilho das estrelinhas de suas insígnias me entretinha e assim sorri para Belzebu. Quando nasci sete cabeças de hidra me acalentavam cantando as grandezas da pátria, as praias do país ensolaradas, a fauna, os índios, a flora, a bomba atômica; era um coro, uma legião, uma rede de rádio e televisão, bobinas de papel-jornal nos seus intestinos, pensar, pensar, pensar mesmo em nada, fazer sua oficina trabalhar, tudo me ensinava o doce Pazuzu. Quando nasci, o demônio me levou pra conhecer seu palácio de mármore, seu espelho d'água, suas cruzes invertidas seu lago que para no ar, sua usina de enxofre, sua estrada sem fim; me levou pro seu porão, vi o enforcado, a afogada, o enlouquecido, o professor, o metalúrgico. Quantas crianças mais mamaram de teu leite aziago, Garrastazu?